

---

## 2 — INTRODUÇÃO

Antes de ingressar na Escola Superior de Agronomia, já em 1934, como estudante, havia dado início aos trabalhos de herborização e colecionamento vivo de material botânico para estudo. Inicialmente era material das famílias ORCHIDACEAE e BROMELIACEAE, para depois extend-lo ás demais famílias, encontradas por todos os rincões do E. E. Santo, ao mesmo tempo que era remetido para sua identificação, aos Botânicos já referidos e iniciava-me nesses estudos. Em 1938, já o meu interêsse se voltava para a Fitogeografia es-píritosantense, pois a sua correlação com a morfologia da terra, sem dúvida contribue para as investigações filéticas e a evolução na distribuição da vegetação e na sua classificação filogenética. Se na Bíblia, em seu primeiro livro o "GE-

NESIS", nos mostra traços da Fitogeografia Fenícia, Palestina e Egípcia e se os gregos desde Alexandre o Magno, há mais de 300 A.C., em sua expedição á Pérsia e á Índia, fizeram referências que hoje são consideradas como dados de importância Fitogeográfica, também nós espirosantenses devemos dar crédito aos traços marcantes expressos pelo venerável Padre José de Anchieta, quando em seus trabalhos publicados, faz referências ás nossas florestas e praias, descrevendo o "Cajueiro e a Pitangueira" e citando muitas espécies vegetais, tendo sido êle o primeiro em 1560 a descrever o "Mangrove" ou Manguezal. Alguns estudiosos anteriores á Humboldt também publicaram trabalhos de valor Fitogeográfico, embora ele tenha dado em sua obra "Essai sur la Géographie des Plantes", em 1815, o primeiro passo mais firme nesse sentido. E hoje, tanto Fitogeografia como Geobotânica, são termos equivalentes, embora muitos botânicos e fitogeógrafos assim não o consideram. O seu objetivo é hoje bem diverso, daquele que até há poucos anos era dominante, pois além de estudar as grandes paisagens vegetais, representadas pelas Tundras, Florestas, Savanas, Scrubs, Grasslands, Prairies e Desertos, com suas subdivisões regionais, caracterizando-as na sua distribuição geográfica e composição florística, retratando as condições climato-edáficas, veio com o progresso das ciências biológicas, logicamente, afetá-la, tanto no seu aspecto Estático como no Dinâmico; se o primeiro se detinham no que Engler, Drude, Raunkiaer e outros desenvolveram-na, além do que acima se especificou, quanto a composição florística e suas relações fisiográficas, climas, solos e civilizações, ainda a sua maior significação era para estudar a sistemática ecologia e a Fitossociologia, na distribuição das Famílias, Gêneros e Espécies, representando também no dizer de CAIN (1944), a síntese e integração de acumulados e determinados fatos compreendidos na citologia, genética, paleobotânica, ecologia, evolução, taxonomia, morfologia comparada e filogenia, embora outros autores anteriores a Cain, já participassem dessa concepção que veio praticamente desde Darwin e Wallace. Quanto ao segundo, ou seja a Biogeografia Dinâmica, CAIN (1944), reexaminando os seus princípios básicos, propostos por GOOD (1931) e MASON (1936), ampliou-os para os 13 seguintes Princípios:

#### A — PRINCÍPIOS RELATIVOS AO AMBIENTE:

- 1 — O contróle do Clima é o mais importante.
- 2 — O Clima foi mutável no passado.
- 3 — As relações entre a terra e o mar também foram mudadas no passado.
- 4 — O contróle Edáfico é secundário.
- 5 — Os fatores Bióticos também são importantes.

6 — O ambiente é do Holoceno, ou seja atual.

**B — PRINCÍPIOS RELATIVOS AS REAÇÕES DAS PLANTAS:**

7 — O alcance das plantas é limitado por sua tolerância.

8 — Os tolerâncias das plantas possuem bases genéticas.

9 — As fases ontogenéticas diferentes possuem diferentes tolerâncias.

**C — PRINCÍPIOS RELATIVOS A MIGRAÇÃO DAS FLO-  
RAS E CLIMACES:**

10 — Grandes migrações se deram.

11 — As migrações procedem do transporte e da fixação.

**D — PRINCÍPIOS RELATIVOS A PERPETUAÇÃO E EVO-  
LUÇÃO DAS FLORAS E CLIMACES:**

12 — A perpetuação depende da migração e da evolução.

13 — A evolução das flóras depende da migração, da evolução e da seleção do ambiente.

Ei se tivéssemos de destacar o valor e a importância da Fitossociologia, para a nossa Fitogeografia, cujos princípios adotados se estribam nos trabalhos de BRAUN-BLANQUET, (1932) onde as comunidades vegetais podem ser caracterizadas, apesar de nossa prejudicial sinonímia, que é um mal difundido por todo o território brasileiro, pois sabemos o que acontece com a denominação vulgar dada a uma determinada espécie botânica ou zoológica de grande distribuição geográfica, pois, o mesmo acontece com as denominações populares atribuídas às associações e formações de diferentes tipos de vegetação. Embora ainda não pude estudar todos os fenômenos que se relacionam com a vida das plantas, dentro das unidades sociais que elas formam em nossa Fitogeografia, o que consegui já pode ser tomado com certa dose de aproveitamento, pois são fundamentais para tais investigações, como assinala o referido autor: 1 — **A organização ou estrutura da comunidade;** a investigação da composição das comunidades vegetais. 2 — **Sinecologia:** o estudo da dependência das comunidades vegetais entre si e com o meio. 3 — **Singenética:** o descobrimento das leis que regem a origem, o desenvolvimento e o declínio das comunidades das plan-

tas. 4 — **Sincorologia**: a investigação da disposição das comunidades no espaço, sua presença e distribuição. 5 — **Classificação sociológica**: delimitação das unidades sociais, seu agrupamento em unidades superiores e a ordenação sistemática destas unidades. É justamente a Classificação ou Sistemática Fitossociológica e a Florística, que nos trará a análise da flora e a classificação da vegetação espiritosantense, constituindo a sua Fitogeografia. Todas essas divisões básicas, quer sejam nos setores: Paleo-ecológico, Bio-climático, Sinécológico, Florístico, Fitossociológico e outros apresentados, representam as limitações que o meio impõe sucessivamente á vegetação no tempo e no espaço.

E ainda com a continuidade das relações que vão ser mantidas, entre o homem e a Flora espiritosantense, especialmente com a fixação do mesmo em novas áreas florestadas, onde a penetração é fator de desequilíbrio, pode no momento ser medido, porque ainda as recordações ou pesquisas podem medir esses resultados de quatro séculos já decorridos e acompanhar os fenômenos que se sucedem a essas áreas CLIMACES, seguindo as leis que regem esse complexo desenvolvimento sinécológico, ora em regressão ou seja, mostrando uma degradação onde uma Floresta dos Tabuleiros de clima úmido e quente, perenifólia, vem de ser trabalhada pelo homem pelos passes da "cabrocada", ou seja o desbaste dos pisos segundo e terceiro, ou seja do subarbustivo e arbustivo de menor porte, uma vez que se apresentam até cinco pisos nessas Florestas, para seguir-se a "derrubada", depois a "queimada" e ainda a "coivara" e por fim o plantio, seja de cereais, ou lavouras anuais, seguida do plantio de mandioca "lavouras brancas" ou de lavoura perene, como de café ou citrus. Porém, ao fim de 10 ou 15 anos no máximo, com a degradação rápida do sólo, logo vem de ser abandonado e então se inicia aí o fenômeno de uma sucessão as vezes regressiva e noutras em período muito mais delongado, progressivo, onde a tendência é de refazer uma nova floresta, não mais como a CLIMAX, mas, uma floresta secundária. Tudo isso seguindo leis exactas de assombrosa complexidade, pois não seria fácil assim, que um fenômeno onde uma Floresta dos Tabuleiros ou Terciário do E. Santo, que é resultado de uma rede de mudanças climáticas, geológicas e tantos outros fatores que ali interferiram durante milênios, para dar-lhe forma e estrutura como ela é, e assim guardada, ou seja, vivendo também por milênios, viesse a se refazer com a rapidez que o homem desejasse, quando, destruída, sem que um plano racional conservacionista, interferisse, para que pudesse ser parte da área aproveitada para a agricultura e o desenvolvimento da pecuária, sem que fosse afectado totalmente a sua bióta.